



Ensino de literatura e meio ambiente: o literário e a formação do sujeito ecológico

Tâmara Kelly Pereira Filgueira¹
Juarez Nogueira Lins²

Resumo

A crise ambiental que atinge a contemporaneidade requer conscientização e mobilização para não comprometer o futuro das próximas gerações. E essas alternativas passam pela construção de sujeitos conscientes, sujeitos ecológicos – de posturas preservacionistas em relação ao planeta (CARVALHO, 2012). Tais posturas passam pela escola, por todas as disciplinas. No entanto, a temática ambiental, na sala de aula, esbarra em bases fixas e no modelo tradicional. Há, portanto, a necessidade de romper as barreiras que dificultam a construção de uma consciência ecológica, voltada para o meio ambiente e sua preservação. Nesse viés, acredita-se que os conteúdos sociais presentes nas obras literárias, e a influência que tais obras exercem sobre o leitor, pode levar esses sujeitos à mobilização social (CÂNDIDO, 2000, 2010). E ainda, o ensino de literatura pode oportunizar aos sujeitos leitores a conscientização e a busca por novos e criativos caminhos para minimizar a crise ambiental. A partir dessas reflexões, objetivou-se analisar e interpretar obras de poetas e prosadores contemporâneos brasileiros que discutem a temática ambiental, observando como se efetivou a relação entre literatura e meio ambiente, nessas obras. E, ainda, produzir oficinas – que ajudem a formar uma consciência ambiental, a partir do literário – para licenciandos (as) e alunos (as) do ensino básico. Enfim, discutir a importância do texto literário para a formação de sujeitos leitores preocupados com o meio ambiente, ecologicamente orientados, na visão de Carvalho (2012). Utilizou-se como referencial teórico Garrard (2006) que introduz os estudos ecocríticos, a relação entre ser humano e meio ambiente; Cândido (2010); Capra (2008) e Carvalho (2012). Para atingir os objetivos, optou-se pela pesquisa *aplicada* de abordagem, *qualitativa*. E em relação aos procedimentos técnicos, *bibliográfica* e *documental*, utilizando como corpus obras literárias. Os resultados e discussões destacaram algumas contribuições (metodológicas e didáticas) do texto literário para a formação de sujeitos ecológicos. E ainda, que trabalhar a questão ambiental numa perspectiva literária significa ir além das visões estereotipadas de educação e consciência ambiental. Concluiu-se que a partir do literário é possível discutir o ambiental na escola, sem o peso da ação pedagógica das disciplinas voltadas especificamente, para as questões ecológicas.

Palavras-chave: Literatura, Meio Ambiente, Sujeito ecológico.

Abstract

¹ Graduada em Letras CH/UEPB, ex-bolsista do PIBIC/UEPB, Cota 19/20.

² Professor Doutor do Departamento de Letras/CH/UEPB. Coordenador do Projeto PIBIC/UEPB, cota 19/20.

The environmental crisis that affects contemporaneity requires awareness and mobilization so as not to compromise the future of the next generations. And these alternatives go through the construction of conscious subjects, ecological subjects – of preservationist postures in relation to the planet (CARVALHO, 2012). Such postures pass through the school, through all disciplines. However, the environmental theme, in the classroom, comes up against fixed bases and the traditional model. There is, therefore, the need to break the barriers that make it difficult to build an ecological awareness, focused on the environment and its preservation. This way, it is believed that the social content present in literary works, and the influence that such works exert on the reader, can lead these subjects to social mobilization (CÂNDIDO, 2000, 2010). And yet, that the teaching of literature can give readers the opportunity to raise awareness and search for new and creative ways to minimize the environmental crisis. From these reflections, the objective was to analyze and interpret works by contemporary Brazilian poets and prose writers who discuss the environmental theme, observing how the relationship between literature and the environment was effected in these works. And, still, to produce workshops – that help to form an environmental conscience, from the literary – for undergraduates and students of basic education. Finally, to discuss the importance of the literary text for the formation of readers concerned with the environment, ecologically oriented, in the view of Carvalho (2012). Garrard (2006) was used as a theoretical reference, which introduces ecocritical studies, the relationship between human beings and the environment; Cândido (2010); Capra (2008) and Carvalho (2012). In order to achieve the objectives, an applied qualitative approach was chosen. And in relation to the technical, bibliographic and documentary procedures, using literary works as corpus. The results and discussions highlighted some contributions (methodological and didactic) of the literary text for the formation of ecological subjects. And yet, that working the environmental issue in a literary perspective means going beyond the stereotyped visions of education and environmental awareness. It was concluded that from the literary point of view it is possible to discuss the environment at school, without the weight of the pedagogical action of the disciplines specifically focused on ecological issues.

Keywords: Literature. Environment, Ecological subject.

1 Introdução

Nas últimas décadas, em virtude das precárias condições do meio ambiente, da crescente degradação da natureza, surgiu a temática da consciência ambiental. Tal conscientização recebeu a adesão de ambientalistas, artistas, intelectuais, políticos, escritores... E vem se constituindo enquanto um dos grandes desafios para a contemporaneidade, em meio a incertezas, tentativas e uma certeza: a responsabilidade com o ambiente com a dimensão “ecológica” deve ser assumida por indivíduos, grupos e principalmente pelas instituições, a exemplo da escola e da universidade.

Destas duas instituições de ensino, cobra-se a responsabilidade pela formação de

sujeitos ecologicamente conscientes, preparados para lidar com questão ambiental, um dos mais sérios desafios que a humanidade tem de enfrentar em curto prazo. Nessa perspectiva, a consciência ecológica depende da articulação entre povos, instituições e áreas do conhecimento.

Especificamente, iremos tratar, nesse momento, da relação entre o texto literário (prosa e poesia) e os pressupostos básicos da Educação Ambiental, além das contribuições dessa articulação para conscientizar licenciandos, futuros professores e alunos. Para que estes sejam sujeitos responsáveis por uma mudança efetiva da situação atual, uma nova postura centrada na resignificação da natureza.

A pesquisa se constitui e se justifica a partir da necessidade de discutir a questão ambiental nas mais diferentes áreas do conhecimento, haja vista que é responsabilidade de todas as pessoas e instituições, a busca por práticas conscientizadoras sobre a importância da preservação do meio ambiente. E se articula através da inter-relação entre o ensino de Literatura e o ensino de Educação Ambiental, ou através da perspectiva ecocrítica.

Do ponto de vista teórico, embora não exista uma vasta literatura sobre Ecocrítica e, portanto, sobre a articulação entre o literário e o meio ambiente, algumas pesquisas nos chamaram a atenção, nesse momento: primeiramente, os estudos de Garrard (2006) denominado Ecocrítica. Nesta obra o autor apresenta o conceito de ecocrítica e discussões sobre as interações entre sujeito e ambiente, em busca por uma nova abordagem para minimizar os choques entre a cultura e a natureza.

Em seguida a questão ambiental, a partir da obra *Educação Ambiental e formação do sujeito ecológico* de Carvalho (2012) que defende a construção de sujeitos ecologicamente consciente. A autora traz o conceito desse tipo de sujeito: “[...] o modo ideal de ser e viver orientado pelos princípios do ideário ecológico é o que chamamos de sujeito ecológico, implicando na existência de uma sociedade plenamente ecológica” (CARVALHO, 2012, p. 65).

Com base nesses pressupostos básicos: sobre a importância dos saberes literários na construção do social e, a urgência da construção do sujeito ecológico, e nas contribuições dos autores/teóricos Carvalho (2012), Garrard (2006), Barthes (2004), Cândido (2000), Brasil (1998), Tuan (2003), Yunes e Ponde (1998), Oliveira (2005) entre outros, objetiva-se analisar obras de poetas e prosadores contemporâneos brasileiros que discutem a temática ambiental, observando como se efetiva a relação entre literatura e meio ambiente, nessas obras. E do ponto de vista metodológico adotamos uma pesquisa qualitativa, aplicada de cunho

descritivo/interpretativista, cujos procedimentos de pesquisa são: seleção de obras literária (prosa e poesia) que discutam diretamente ou não, as questões ambientais, leitura e análise dessas obras.

E tendo, portanto, como objeto da pesquisa o texto literário, atrelado às questões ambientais e formação do sujeito ecológico a pesquisa se pretende interdisciplinar – literatura e meio ambiente, ampliando assim, o diálogo entre disciplinas/ciências, entre a universidade e a escola.

2 Sobre literatura, educação ambiental e o viés ecocrítico

2.1 Alguns apontamentos teóricos

Ao aliar o literário e o ambiental, esta pesquisa se insere nas áreas de Ensino de Literatura e Educação Ambiental e desse modo, na área de Ecocrítica. E assim, relacionam-se ao nosso objeto de pesquisa, o texto literário atrelado às questões ambientais e formação do sujeito ecológico. A pesquisa partiu assim, de alguns pressupostos básicos, apresentados a seguir, sobre a literatura, a articulação entre literatura e educação ambiental e a construção do sujeito ecológico.

Sobre a literatura afirma Barthes (2004). “O saber que a literatura mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa [...]” (p.19). No mesmo raciocínio Cândido (2000) vê a literatura como um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vivem na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. [...] (p.36). Os autores enfatizam o poder transformador da literatura, o poder da representação da ficção como fonte inesgotável de conhecimentos e de produção de sentidos, estimulados previamente pelas experiências individuais de cada leitor, ao entrar em contato com o texto literário, com a vida e com a história.

Sobre confluência entre Literatura e Educação Ambiental uma das questões relevantes é a possibilidade de conscientizar os leitores acerca das inúmeras questões sociais, dentre estas, a questão ambiental. Quando lemos relatos, romances, contos ou poesias, nos deparamos com descrições do mundo natural, vida social, várias culturas, situações políticas e história, entre outras coisas. E, em relação ao meio-ambiente o texto literário contribui para promover, no indivíduo o sentimento de pertencimento à natureza e exercita uma tomada de consciência-de-mundo relacionadas à Educação Ambiental (EA). Nesse caso, o uso da literatura como

instrumento para a sensibilização da consciência, para a expansão da capacidade e interesse de analisar o mundo (OLIVEIRA, 2005).

Em termos de Educação Ambiental, temos uma infinidade de obras literárias para escolher, uma rica literatura que valoriza a interação entre o meio ambiente e os seres vivos. Vale salientar que a consciência ambiental é acompanhada por um sentimento de pertencimento, que pode ser desenvolvido por meio da literatura, provocando a percepção de coisas relacionadas, ou seja, coisas que nos pertencem. Pertencimento e percepção do meio no qual se vive, refletindo assim, na necessidade de preservar e proteger para proteger a si mesmo. E, se o ambiente nos pertence, então conhecê-lo na escola é relevante, necessário para a formação de cidadãos, éticos e participativos socialmente. Sujeitos que reconheçam o ambiente enquanto espaço de harmonia que conecta todos os seres. Conforme Gonçalves e Dill (2012), no que se refere a prática educativa ambiental

a base das ações educativas deve visar à formação de cidadãos éticos e participativos que estabeleçam uma relação respeitosa e harmoniosa consigo mesmo, com os outros e com o ambiente. Nesse sentido, a escola tem a obrigação de auxiliar na formação de indivíduos críticos e participativos e, portanto, deve incentivar os educandos a olharem para diferentes perspectivas e construir o seu pensamento de modo a fazer uma conexão entre o indivíduo, o coletivo e o ambiente (GONÇALVES; DIEHL, 2012, p.29)

Tal prática educativa, literário-ambiental contribuiria, para a formação de sujeitos verdadeiramente conscientes, ecologicamente. Por esta razão, a tríade Escola-Literatura-Educação Ambiental passou a se tornar parte integrante das aulas, principalmente de Língua Portuguesa, quando os PCNs incluíram o tema Meio Ambiente e Saúde como um tema transversal desvelando uma mudança da postura oficial frente à educação ambiental, ao considerar que esta implica em mudanças profundas na sociedade” (MODESTO; SANTOS, 2017, p.04).

Os PCNs que trazem os temas transversais, especificamente aquele que trata do meio ambiente, são bem diretos no que tange à preocupação com a educação ambiental, e demonstram

a importância de educar os brasileiros para que ajam de modo responsável e com sensibilidade, conservando o ambiente saudável no presente e para o futuro; saibam exigir e respeitar os direitos próprios e os de toda a comunidade, tanto local como internacional; e se modifiquem tanto interiormente, como pessoas, quanto nas suas relações com o ambiente (BRASIL, 1998, p.15).

No tocante à legislação, o amparo ao meio ambiente tornou-se evidente, entretanto, a ausência de uma formação específica de professores, para este fim, ainda é um entrave. No entanto, mesmo apesar das dificuldades, algumas práticas acontecem. Nesse entendimento, compreende-se que os professores de Língua Portuguesa, mesmo sem uma formação específica, podem se apropriar de narrativas como as de Alice nas aulas, para, desse modo, promover a EA e internalizar concepções de que o meio ambiente é fator indissociável da vida humana.

Todas essas relações entre o ficcional (o texto literário), o ambiental e o educacional se articulam com a área de Ecocrítica. Esta área do conhecimento, de estudos recentes, explora os modos como imaginamos e retratamos a relação entre os seres humanos e o meio ambiente, em todas as áreas de produção cultural (GARRARD, 2006).

Embora não exista uma vasta literatura sobre Ecocrítica e, portanto, sobre a articulação entre o literário e o meio ambiente, algumas pesquisas nos chamaram a atenção, nesse momento: primeiramente, os estudos de Garrard (2006) denominado Ecocrítica. Nesta obra o autor apresenta o conceito de ecocrítica e discussões sobre as interações entre sujeito e ambiente, em busca por uma nova abordagem para minimizar os choques entre a cultura e a natureza.

Sobre a questão ambiental, a obra *Educação Ambiental e formação do sujeito ecológico* de Carvalho (2012) defende a construção de sujeitos ecologicamente consciente. Sobre essa premissa, a autora afirma que tomada de consciência do problema ambiental se articula com a crescente visibilidade dos movimentos ecologistas, de um novo jeito de ser, de um novo estilo de vida, de uma nova forma de pensar o mundo. Principalmente, pensar em si e nas relações com o outro (CARVALHO, 2012). A autora traz o conceito desse tipo de sujeito: “[...] o modo ideal de ser e viver orientado pelos princípios do ideário ecológico é o que chamamos de sujeito ecológico, implicando na existência de uma sociedade plenamente ecológica” (CARVALHO, 2012, p. 65).

As discussões acima revelam possibilidades de entrelaçamento entre áreas do conhecimento para, dessa forma, ampliar a capacidade de mobilização da sociedade em relação a questão ecológica/ambiental.

3 Material e métodos

Foi utilizada como metodologia, segundo a sua natureza, a *pesquisa aplicada*, aquela que objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática. E sob o ponto de vista da abordagem, *qualitativa*: pois se caracteriza pela qualificação dos dados coletados, durante a análise do problema, priorizando as percepções de atitudes e aspectos subjetivos dos objetos de pesquisa (CAJUEIRO, 2013). E ainda, do ponto de vista dos procedimentos técnicos, através da *pesquisa bibliográfica* – o levantamento bibliográfico acerca do tema, que serve como base, produção e ampliação de conhecimento em relação às pesquisas já desenvolvidas

E por fim, a *pesquisa documental*, descritivo/analítica. Esta, por sua vez, utiliza qualquer registro que possa ser utilizado como fonte de informações, obras literárias, por exemplo.

Os *procedimentos da pesquisa* foram definidos em três etapas: primeira – o levantamento, leitura e sistematização dos dados teóricos; a segunda o levantamento, leitura e sistematização dos textos literários. E, a terceira – a elaboração das propostas de oficinas.

4 Apresentação dos resultados e discussões

Seguindo o objetivo geral da pesquisa, selecionamos cinco obras da Literatura Brasileira, entre romances, contos e poemas (representantes dos períodos literários Pré-Modernista e Modernista). Seguem-se os resultados da pesquisa, que buscou, no contexto geral de tais textos literários, elementos (fragmentos) que marcassem a relação entre os seres humanos e a natureza. A saber, os romances: *Vidas Secas*, *Os Sertões* e *Morte e Vida Severina*, o conto *A Aranha*, e os poemas *Paisagem* e *Poética*.

4.1 Os textos literários

Apresentamos abaixo, nos quadros 01, 02, 03, 04 e 05, os fragmentos das obras literárias elencadas acima:

QUADRO 01 – VIDAS SECAS

“E Fabiano esfregava as mãos. Não havia o perigo da seca imediata, que *aterrorizara* a família durante meses. A catinga amarelecera, avermelhara-se, o gado principiara a emagrecer e horríveis *visões de pesadelo* tinham agitado o sono das pessoas. De repente um traço ligeiro rasgara o céu para os lados da cabeceira do rio, outros surgiram mais claros, o trovão roncara perto, na escuridão da meia-noite rolaram nuvens cor de sangue”. (RAMOS, 1982, p. 65).

‘A ventania arrancara sucupiras e imburanas, houvera relâmpagos em demasia – e sinhá Vitória se escondera na camarinha com os filhos, tapando as orelhas, enrolando-se nas cobertas. Mas aquela *brutalidade* findara de chofre, a chuva caíra, a cabeça da cheia aparecera arrastando troncos e animais mortos. A água tinha subido, alcançado a ladeira, estava com *vontade* de chegar aos juazeiros do fim do pátio. Sinhá Vitória andava *amedrontada*. Seria possível que a água topasse os juazeiros? Se isto acontecesse, a casa seria invadida, os moradores teriam de subir o morro, viver uns dias no morro, como preás’. (RAMOS, 1982, p. 65).

FONTE: RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. São Paulo: Record, 1982.

A partir dos textos apresentados pudemos perceber que na perspectiva da obra *Vidas Secas*, a seca é vista como um pesadelo, como um perigo que acomete de medo os habitantes da região atingida pela estiagem (o Nordeste). Há um embate entre homem e natureza, uma luta diária pela sobrevivência. Mas, mesmo aparentando ser um lugar inóspito, há uma relação de apego a terra (TUAN, 2003), de esperança por dias melhores, mesmo que esses sejam os mínimos possíveis, nos períodos de estiagem prolongada. A chuva, quando surge, paz ressurgir o verde e a esperança. Embora cause medo esse fenômeno da natureza, mas no fim, o homem se reconcilia com a natureza ao seu redor. Finalmente, ele, o homem, depende dela.

QUADRO 02 – OS SERTÕES

Terra Ignota

“Porque enquanto as bandeiras do sul lhe paravam à beira e envesgando, depois, pelos flancos da Itiúba, se lançavam para Pernambuco e Piauí até o Maranhão as do levante, repelidas pela barreira intransponível de Paulo Afonso, iam procurar, no Paraguaçu e rios que lhe demoram ao sul, linhas de acesso mais praticáveis, Deixavam-no de permeio, inabordável, ignoto.” (p. 28).

“[...]Os morros do Lopes e do Lajedo aprumam-se, à maneira de disformes pirâmides de blocos arredondados e lisos; e os que se sucedem, beirando de um e outro lado as abas das serras da Saúde e da Itiúba, até Vila Nova da Rainha e Juazeiro, copiam-lhes os mesmos contornos das encostas estaladas, exumando a ossatura partida das montanhas.” (p. 29).

Primeiras impressões

“[...] De um lado a extrema secura dos ares, no estio, facilitando pela irradiação noturna a perda instantânea do calor absorvido pelas rochas expostas às soalheiras, impõe-lhes a alternativa de alturas e quedas termométricas repentinas: e daí um jogar de dilatações e contrações que as disjunge, abrindo-as segundo os planos de menor resistência. De outro, as chuvas que fecham, de improviso, os ciclos adurentes das secas, precipitam estas reações demoradas.” (p. 32)

“Dissociam-na nos verões queimosos; degradam-na nos invernos torrenciais. Vão do desequilíbrio

molecular, agindo surdamente, à dinâmica portentosa das tormentas. Ligam-se e completam-se. E consoante o preponderar de uma e outra, ou o entrelaçamento de ambas, modificam-se os aspectos naturais. As mesmas assomadas gnáissicas caprichosamente cindidas em planos quase geométricos [...]” (p. 32)

“As erosões constantes quebram, porém, a continuidade destes estratos que ademais, noutros pontos, desaparecem sob as formações calcárias. Mas o conjunto pouco se transmuda. A feição ruiniforme destas, casa-se bem a dos outros acidentes. E nos trechos em que elas se estiram, planas, pelo solo, desabrigadas de todo ante a acidez corrosiva dos aguaceiros tempestuosos, crivam-se, escarificadas, de cavidades circulares e acanaladuras fundas [...]” (p. 33-34)

FONTE: CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. A terra. São Paulo: Martin Claret, 2003.

A obra *Os Sertões*, na sua primeira parte, nos apresenta o bioma da caatinga que faz parte do cenário nordestino, enfatizando as dificuldades que esse ambiente traz para os habitantes do sertão, o clima opressivo, a ausência de água, a aspereza da vegetação e os poucos recursos que oferecem para quem nele habita. Ambiente que muda de feição, após a presença das chuvas. Estas causam estragos no solo com pouca vegetação, mas contribui para o renascimento da caatinga, que toma um novo aspecto e traz novas esperanças para os habitantes do semiárido. A descrição minuciosa deste ecossistema contribui para que os leitores reforcem a necessidade de conhecer a diversidade que existe na caatinga e, a necessidade de preservar ecossistema.

QUADRO 03 – FRAGMENTOS DE MORTE E VIDA SEVERINA

Fragmento: 01

“Com águas densa de terra
Onde muitas usinas urinaram,
Água densa de terra.
E de muitas ilhas
engravidada. Com substancia
de vida
É que os rios vão aterrando,
Com esses lixos de vida
Que os rios viemos carregando.”
(MELO NETO 2000, p. 32).

Fragmento 02

“Vejo agora: não é fácil
Seguir essa ladainha;
Entre uma conta e outra
conta, Entre uma e outra
ave-maria, Há certas
paragens brancas, De planta
e bicho vazias, Vazias até de
donos,
E onde o pé se descaminha.
Não desejo emaranhar

O fio de minha linha
Nem que se enrede no pelo
Hirsuto desta caatinga.
Pensei que seguindo o rio
Eu jamais me perderia:
Ele é o caminho mais certo,
De todos o melhor guia.”
(MELO NETO 2000, p. 51).

FONTE: NETO, J. C. M. *Morte e Vida Severina e outros poemas para vozes*. Rio de Janeiro, 2000.

A obra *Morte e Vida Severina* aborda o estado de Pernambuco destacando as suas três áreas geográficas, o sertão o agreste e a zona da mata, cenários principais de seus poemas. João Cabral narra o trajeto, ao longo do Rio, que faz o sertanejo ao sair do cenário pobre do sertão para tentar alguma melhoria na cidade grande fazendo alusão ao êxodo rural que possibilita ao sertanejo a esperança de melhores condições de vida na cidade grande. Questões sociais, ambientais e culturais são bem presentes, pois, o autor relata que a pobreza e também os hábitos culturais representados pelo cultivo da cana de açúcar e a produção (pelas usinas) de açúcar e álcool, principalmente. As usinas influenciam diretamente as questões ambientais na região da Zona da Mata, pois os detritos dessas empresas causam grandes impactos ambientais, no seu entorno, principalmente no Rio Capibaribe – uma descarga para o lixo reproduzido tanto pelas pessoas quanto pelas usinas, e todo esse lixo percorre as terras pernambucanas levando consigo todas as impurezas indo de encontro ao mar. Os homens, para produzirem lucros, outros para subsistirem agredem o meio ambiente, afetando a natureza e o próprio homem, que depende das condições naturais dos cursos d’água. A obra não deixa de destacar, também o cenário da caatinga, ambiente desolador que faz os seus habitantes migrarem para outros espaços, em busca de sustento. E indo eles contribuem para degradação de outro ambiente, o Rio, já tão agredido pelas práticas culturais urbanas, do Agreste e Zona da Mata, pernambucanas. Assim, Rio e homem (os homens iguais na mesma miséria), este também agride o curso de água, ambos morrem. Para João Cabral, não somos seres isolados na natureza...

QUADRO 04 – FRAGMENTO DE *A ARANHA*

[...] Dito e feito... — continuou Enéias. — A bicha ficou titubeante, como tonta. Depois, moveu-se lentamente, indo se esconder outra vez. Quando ele recomeçou a tocar, já foi com intuito de experiência. Para ver se ela voltava. E voltou. No duro. Três ou quatro vezes a cena se repetiu. A aranha vinha, a aranha voltava. Três ou mais vezes. Até que ele resolveu ir dormir, não sei com que estranha coragem, porque um sujeito saber que tem dentro de casa um bicho desses, venenoso e agressivo, sem procurar liquidá-lo, é preciso ter sangue! No dia seguinte, passou o dia inteiro excitadíssimo. Isto sim, dava um capítulo formidável. Naquela angústia, naquela preocupação.

“Será que a aranha volta? Não seria tudo pura coincidência?” Ele estava ocupadíssimo com a colheita. Só à noite voltaria para o casarão da fazenda. Teve que almoçar com os colonos, no cafezal. Andou a cavalo o dia inteiro. E sempre pensando na aranha. [...]

FONTE: <https://www.portuguesexperimental.com/post/a-aranha-de-or%C3%Origenes-lessa>.

O conto *A aranha* de Orígenes Lessa traz, enquanto sentido, o quanto é importante observamos o comportamento da natureza com os seres humanos, a natureza sempre responde de alguma forma aos estímulos dos homens, pois a aranha retratada gostava de ouvir música de boa qualidade, sempre que o Melo, personagem do conto, tocava a aranha vinha ouvir sua música. O conto leva o leitor a perceber a importância da biodiversidade da fauna, seja ela silvestre ou urbana. E ainda a preservação das espécies, desde o mais “repulsivo” dos insetos. O autor destaca a possibilidade de convivência harmônica entre o homem e os animais (insetos), e que estes, independente de suas características físicas, repulsivas ou não, cumprem determinadas funções biológicas, na natureza. Cada ser tem seu papel, social e ambiental. E o conto traz sua contribuição para uma possível mudança de mentalidade do leitor, contribuindo assim, para a “formação de um novo homem, uma nova sociedade, uma nova realidade histórica, uma nova visão de mundo.” (YUNES E PONDE, 1988, p.10).

QUADRO 05 – FRAGMENTOS DE *ANTOLOGIA POÉTICA*

Fragmento: 01 – Paisagem

“Subi a alta colina
Para encontrar a tarde
Entre os rios cativos
A sombra sepultada o
silêncio.
Assim entrei no pensamento
Da morte minha amiga
Ao pé de grande montanha.
Do outro lado do poente.
Como tudo nesse
momento
Me pareceu plácido e sem memória
Foi quando de repente uma menina
De vermelho surgiu no vale correndo, correndo...” (MORAIS,
2009. p.124).

Fragmento: 02 – Poética

“De manhã escureço
De dia tardo
De tarde anoiteço
De noite ardo.
A oeste a morte Contra
quem vivo Do sul cativo
O este é meu norte.

Outros que me contem.
Passo por passo:
Eu morro ontem
Nasço amanhã.
Ando onde há espaço:
Meu tempo é quando.
(MORAIS, 2009).

FONTE: MORAIS, Vinícius. **Antologia Poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Já os poemas de Vinícius de Moraes abordam a natureza do ponto de vista do sentimentalismo, da sensualidade, da amorosidade. O poema traduz propriedades psicológicas, existenciais dos seres humanos, em sua relação com o ambiente natural. E o eu-lírico, utiliza os recursos naturais, como por exemplo, a paisagem, o vento, o ar para expressar seus diversos sentimentos, adentrar em seu mundo interior, suas angústias, aflições, conflitos/contradições interiores. A natureza traduz os sentimentos humanos. Manhã, tarde e noite exercem influências sobre esses seres, às vezes contraditórias, às vezes inevitáveis como o morrer, quando finda um dia e renascer, a cada manhã.

Considerações finais

A literatura com viés ecocrítico, como toda manifestação de cultura, reverbera a realidade, é capaz de levar os humanos à reflexão, influenciar moldar as atitudes e vivências no ambiente que nos cerca e nos fazer refletir sobre às necessidades inerentes ao ser humano. Nesse sentido, o literário pode funcionar como um mecanismo de tomada de consciência, no que se refere aos problemas ecológicos, através de romances, contos, crônicas, poemas... Eis a literatura apresentando particularidades, detalhes a respeito das relações humanas que talvez outras fontes oficiais (livros de história, geografia, sociologia, antropologia, psicologia...) não possam, com a mesma vivacidade, trazer à tona. Assim, através da sistematização de algumas dessas formas literárias foi possível analisar as potencialidades que as obras literárias apresentam no que diz respeito aos estudos sobre a relação entre ser humano e meio ambiente. Ao abordar o semiárido brasileiro, o fenômeno da estiagem, os cursos d'água a fauna, a flora, montanhas, vales, noites e dias, rios, a degradação do ambiente, os pequenos seres (insetos), enfim, o homem em sua relação com esses agentes naturais, as obras escolhidas destacam a importância da variável ambiental para a configuração da sociedade a partir de suas necessidades, aflições, práticas culturais, atos de degradação, defesas, anseios e sonhos.

Referências

- BARCELOS, Valdo Hermes. **O ensaio ecologia e literatura**: a contribuição de Octavio Paz à ecologia global e à Educação Ambiental. Revista contrapontos. V. 3, n. 1, 2003.
- BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1998.
- BRASIL, **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAJUEIRO, Roberta Liana Pimentel. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos**. 2ª edição, Petrópolis – RJ: Vozes, 2013.
- CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: T. A. Queirós, 2000.
- CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo, Editora Cortez, 2012.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. A terra. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- COIMBRA, J. A. A. **O outro lado do meio ambiente**. São Paulo: Millennium, 2002.
- GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Brasília: Editora da UNB, 2006.
- GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1994.
- GUIMARÃES, Leandro Belinaso. **Educação Ambiental e Literatura**: narrativas sobre as florestas. Cadernos de Educação. FAE/PPGE. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas [34]: 153 – 166 – Set/Dez 2009.
- MORAIS, Vinícius. **Antologia Poética**. São Paulo. Companhia das Letras, 2009.
- NETO, João Cabral de Melo. **Morte e vida Severina e outros poemas para vozes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2000.
- LESSA, Orígenes. A aranha. In: **Contos Brasileiros 3**. Para gostar de ler. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- RAMOS, G. **Vidas secas**. 48. São Paulo: Record, 1982.
- SCARPELLI, Marli Fantini. **Meio ambiente e literatura**. ALETRIA Revista de Estudos de Cinema - V. 15 – Jan/jun. – 2007.
- YUNES, Eliana; PONDÉ, Glória. **Leitura e leituras da literatura infantil**. São Paulo: FTD, 1998.

BOSI, Alfredo. Pré Modernismo e Modernismo. In: **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2007, 4 ed., p. 339-387.

COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2017.

LAJOLO, Marisa. Leitura e literatura: direito, dever ou prazer? In: LIMA, Aldo de. (org.) **O direito a literatura**. Recife: Universitária da UFPE, 2012.